



OCORRÊNCIA DE AVES NA DESEMBOCADURA DO RIO PEDREIRA, SÃO FRANCISCO DO SUL, SC.

Jóice Elisa Klug - Universidade da Região de Joinville, Departamento de Ciências Biológicas, Joinville, SC.
lilamathers@hotmail.com;

Giulia Caroline Bisinela, Marta Jussara Cremer - Universidade da Região de Joinville, Departamento de Ciências Biológicas, Joinville, SC.

INTRODUÇÃO

Pelo menos 67 espécies de aves utilizam o estuário da Babitonga para alimentação, descanso e reprodução (CREMER & GROSE, 2010). A desembocadura do Rio Pedreira, localizada na Baía da Babitonga, é uma área de manguezal importante para as aves aquáticas, principalmente da família Ardeidae, que utilizam essa região para reprodução (FINK *et al.*, 2011). Segundo Branco *et al.* (2004), a grande concentração de aves nas regiões estuarinas está relacionada à disponibilidade de alimento nestes locais. Forrageando as aves aquáticas exercem influência sobre a estrutura da comunidade biológica e na dinâmica de nutrientes, desempenhando um papel significativo no fluxo energético do ambiente, sendo consideradas ecologicamente importantes para os ecossistemas costeiros (FREDERICK, 2002). Além disso, por ocuparem um nível trófico elevado, as aves podem ser utilizadas como biomonitores da qualidade ambiental (OLMOS & SILVA e SILVA, 2003).

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das aves que utilizam o manguezal e as planícies de maré na desembocadura do Rio Pedreira.

MATERIAL E MÉTODOS

A desembocadura do Rio Pedreira (26°14'26.30"S - 48°38'10.73"W) localiza-se na parte leste da Baía da Babitonga, ao lado do porto de São Francisco do Sul, no litoral norte de Santa Catarina e suas margens são colonizadas por manguezal. A região vem sofrendo com o despejo de efluentes, expansão urbana e influência das atividades portuárias (IBAMA, 2007). As amostragens foram semanais, de junho de 2012 a abril de 2013. As observações foram realizadas com binóculos, percorrendo a pé a margem do rio, para identificar as espécies que ocupam a área e o número de indivíduos. A nomenclatura científica e ordenação taxonômica seguiram o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2011). Foi calculada a frequência de ocorrência e a frequência numérica em porcentagem para cada espécie registrada.

RESULTADOS

Foram registradas 32 espécies, distribuídas em 19 famílias. Oito espécies pertencem à Ordem Passeriformes. Apesar de apresentarem uma frequência numérica baixa (0,04 a 2,09%), duas espécies ocorreram em nove meses de estudo: *Pitangus sulphuratus* (FO = 81,82%) e *Turdus amaurochalinus* (FO = 81,82%). Dentre as espécies que possuem uma maior associação ao ambiente aquático, *Ardea cocoi* (FN = 0,04%), *Aramides cajanea* e *Bulbucus ibis* (FN = 0,09%) foram menos representativas. *Ardea alba* (FN = 0,73%), *Chloroceryle* sp. (FN = 0,21%),

Megaceryle torquata (FN = 0,34%) e *Platalea ajaja* (FN = 0,17%) também apresentaram baixa frequência numérica; porém, a frequência de ocorrência destas espécies variou de 27,27% a 63,64%. *Phalacrocorax brasilianus* (FN = 1,20%; FO = 54,55%) e *Charadrius semipalmatus* (FN = 1,49%; FO = 36,36%) foram pouco representativas, porém apresentaram frequências numéricas maiores do que as espécies citadas anteriormente. As espécies com maior frequência numérica foram: *Nyctanassa violacea* (FN = 30,77%), *Egretta thula* (FN = 8,19%) e *Egretta caerulea* (FN = 9,56%). *Phimosus infuscatus* foi a quarta espécie com maior frequência numérica (5,76%) e *Nycticorax nycticorax* a quinta (4,18%). A frequência numérica de *Coragyps atratus* e de *Caracara plancus* foi de 0,17% apenas, enquanto as espécies oportunistas *Larus dominicanus* (FO = 100%) e *Vanellus chilensis* (FO = 90,91%) apresentaram uma frequência numérica de 3,88 e 2,82%, respectivamente. Também foram registradas três espécies da família Columbidae: *Columba livia* (FN = 2,94%; FO = 100%), *Columbina talpacoti* (FN = 2,26%; FO = 100%) e *Patagioenas* sp. (FN = 2,90%; FO = 54,55%).

DISCUSSÃO

Os Passeriformes utilizaram a desembocadura do Rio Pedreira principalmente para o forrageio, ocupando diversos ambientes. Muitas espécies podem ser consideradas oportunistas, como *P. sulphuratus* (BRANCO *et al.*, 2004), mudando de lugar de acordo com a oferta de alimento, como sementes, frutos e insetos (SICK, 1997). Algumas espécies apareceram apenas ocasionalmente, na forma de indivíduos solitários, como *A. cajanea*, *A. cocoi*, *Chloroceryle* sp., entre outras. O mesmo foi observado por CREMER *et al.* (2011), o que pode indicar uma menor tolerância dessas espécies à presença humana e às pressões antrópicas no local. A maior frequência numérica de *N. violacea*, *E. thula* e *E. caerulea* se deve ao fato de que estas espécies estavam nidificando no local no período de estudo. A presença de *C. atratus* e *C. plancus* pode estar relacionada a este evento, sendo que o primeiro pode se alimentar de filhotes mortos e o segundo é predador de ovos e filhotes pequenos (SICK, 1997). No caso de *V. chilensis* e *L. dominicanus*, sua presença é atribuída ao fato de serem espécies oportunistas, de dieta generalista e capazes de ocupar diferentes nichos (SICK, 1997). Aproveitam a planície de maré da desembocadura do Rio Pedreira para o forrageio e descanso. A alta frequência de espécies da família Columbidae pode estar associada às atividades do porto, que movimentam grãos que lhes servem de alimento. CREMER *et al.* (2011) registraram *Charadrius semipalmatus* como a única espécie migratória oriunda do Hemisfério Norte, tanto na Praia do Lixo, quanto na Vila da Glória. Na desembocadura do Rio Pedreira esta também foi a única ave migratória observada, o que pode indicar sua maior tolerância às atividades humanas.

CONCLUSÃO

A desembocadura do Rio Pedreira se mostrou uma área importante para a manutenção do ciclo de vida de uma grande diversidade de aves que a utilizam para alimentação, descanso e reprodução. Diante da degradação e grande pressão antrópica sofrida pelo local, é necessário o monitoramento destas populações de aves, gerando dados que contribuam para sua conservação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, J. O.; MACHADO, I. F. & BOVENDORP, M. S. 2004. Avifauna associada a ambientes de influência marítima no litoral de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 21(3):459-466.

CBRO. 2011. Listas das aves do Brasil. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 10ª Edição. Disponível em: <<http://www.cbro.org.br/CBRO/pdf/AvesBrasil2011.pdf>> . Acesso em: 7 de maio de 2012.

CREMER, M. J. & GROSE, A. V. 2010. Aves do estuário da Baía da Babitonga e litoral de São Francisco do Sul. Joinville, Santa Catarina: Editora da Univille.

CREMER, M. J.; CERCAL, E. J.; AGE, E. C. & GROSE, A. V. 2011. A avifauna de planícies de maré sob influência antrópica na Baía da Babitonga, norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*,

19(4):498-504.

FINK, D.; GROSE, A. V.; REIS, T. C. P. & CREMER, M. J. 2011. Colônias reprodutivas de aves aquáticas na Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina. XIV Congresso Latino-Americano de Ciências do Mar – COLACMAR. Balneário Camboriú, SC, Brasil.

FREDERICK, P. C. 2002. Wading birds in the marine environment. In: SCHREIBER, E. A. & J. BURGER (eds.). *Biology of Marine Birds*. Boca Raton, CRC Press: 618-655. IBAMA/MMA. 2007. Reserva de fauna Baía da Babitonga. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e Ministério do Meio Ambiente.

OLMOS, F. & SILVA e SILVA, R. 2003. Guará: ambiente, flora e fauna dos manguezais de Santos-Cubatão. São Paulo: Empresa das Artes. SICK, H. 1997. *Ornitologia brasileira*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil.

Agradecimento

(Dr^a Marta Jussara Cremer; Giulia Caroline Bisinela; Projeto Aves; Bolsa de Iniciação Científica – Art. 170, custeada pelo Estado de Santa Catarina)